

A cidade íntima – o olhar de João Cabral sobre a condição urbana¹



André Pinheiro

Doutorando/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo:

Analizamos neste artigo a representação da condição urbana na poesia de João Cabral de Melo Neto. Depois do crescimento acelerado das cidades e da implantação dos grandes centros comerciais, o *eu-lírico* parece ser um estranho em sua própria comunidade; por isso procura resgatar o tempo quando as pessoas mantinham uma relação mais íntima e duradoura com os ambientes citadinos. Nesse sentido, o saudosismo corresponde a uma atitude de resistência contra as atrocidades da sociedade capitalista, permitindo que a obra de João Cabral atinja um nítido processo de humanização.

Palavras-chave: poesia; João Cabral; cidade.

Abstract:

We analyze in this text the representation of the urban condition in the João Cabral's poetry. After the accelerated growth of the cities and after the birth of the commercial centers, the poet feels a strange inside his own community; therefore he rescues the time when the people had an intimate and lasting relationship with the citizen environment. Then, the homesick cans mean a resistance against the atrocities of the capitalist society – a proof that the Cabral's work has a clear process of humanization.

Key-words: poetry; João Cabral; city.

Resumé:

Nous analysons dans le présent article la représentation de la condition urbaine dans la poésie de João Cabral. Après de la croissance des villes et après l'émergence de centres commerciaux, le poète semble étrange dans sa propre communauté; par

¹ Recebido em 30 de julho de 2009. Aprovado em 11 de agosto de 2009.

conséquent, il retourne au temps lorsque les gens avait une relation intime et durable avec les environnements de la ville. Alors, le nostalgie correspond a une attitude de resistance contre les atrocités de la société capitaliste, en permettant que le travail de Cabral atteint une processus clair de humanisation.

Mots-clés: poésie; João Cabral; ville.

Muitas pessoas sentem a necessidade de preservar a memória arquitetônica de suas cidades, pois assim elas esperam conservar uma época em que a sociedade lhes parecia mais ajustada do que a contemporânea; por isso mesmo, o mergulho nas formas espaciais do passado corresponde ao reencontro do homem com as suas próprias raízes, já que os prédios antigos lhe dão a impressão de que os velhos costumes ainda continuam intactos.

De certa forma, a preservação dos antigos bairros citadinos adquiriu grande impulso depois da Revolução Industrial, quando a expansão constante das cidades contribuiu para que os prédios históricos fossem demolidos e em seu lugar surgisse um modelo arquitetural que atendesse às necessidades do novo sistema de governo; de acordo com as observações feitas por Lewis Mumfor (2004:452), “a lei do crescimento urbano, ditada pela economia capitalista, significa a inexorável destruição de todas as características naturais que deleitam e fortificam a alma humana em suas atividades diárias”. Não é exagero afirmar, portanto, que a preservação das velhas cidades também está ligada a um sentimento de resistência contra o avanço atroz e bárbaro do capitalismo.

Para quem foi considerado o engenheiro da linguagem e dono de uma obra de feitura nitidamente vanguardista, é interessante observar como João Cabral escreveu um número considerável de versos sobre a preservação dos bairros antigos. O poeta lamenta não poder mais encontrar a ambientação de sua juventude, quando as ruas ainda lhe proporcionavam uma doce sensação de intimidade (efeito difícil de se atingir no tumultuado mundo de hoje). Dessa forma, o desejo de reviver antigas experiências fez com que o poeta descrevesse de forma bastante compassiva os centros históricos, revelando o sentimento humanizador de sua produção lírica. A presença da arquitetura

tradicional, entretanto, não afeta o caráter inovador de sua obra; antes confirma a sua configuração dialética, que procura manter uma aproximação entre a tradição e a modernidade. Em “Sevilha e o progresso”, por exemplo, o sujeito se mostra fascinado pelo fato de a cidade espanhola ter conseguido preservar seus bairros antigos apesar do enorme progresso na região:

Sevilha é a única cidade
que soube crescer sem matar-se.

Cresceu do outro lado do rio,
cresceu ao redor, como os circos,

conservando puro seu centro,
intocável, sem que seus de dentro

tenham perdido a intimidade
(Melo Neto 1997b:384)

Primeiramente, parece claro que Cabral foi tomado por forte impulso subjetivo ao apontar Sevilha como a única cidade do mundo cujo centro histórico se manteve preservado; essa hipérbole é suficiente para comprovar o alumbramento do poeta diante do lugar onde habitou por algum tempo. Evidentemente, esse encanto não atinge a sua lucidez, embora indique a presença de um sujeito que sente profundamente o universo que o rodeia. Em tempos remotos, as cidades eram consideradas uma espécie de seio protetor, o refúgio perfeito para quem se resguardava dos perigos oferecidos pela mata circundante. De certa forma, esse velho imaginário citadino ampara a produção lírica de João Cabral, uma vez que os centros históricos parecem ser lugares que ainda guardam a integridade do indivíduo.

Também subjaz no discurso de João Cabral a idéia de que as cidades morrem (como também morre a sua cultura) quando a sociedade não preserva seus centros históricos; dessa forma, o poeta confere especial relevo ao papel

exercido pela tradição na configuração da vida social de um determinado lugar. Depois, o autor ainda destaca os laços sentimentais que unem os habitantes às ruas preservadas, como se o indivíduo só mantivesse uma relação verdadeiramente humana nesses ambientes mais antigos.

Em “A urbanização do regaço”, outro poema sobre as velhas ruas de Sevilha, reaparece a idéia de que esses lugares oferecem intimidade e conforto aos passantes. Mas desta vez, a cidade espanhola é descrita com a sensualidade necessária para atrair qualquer indivíduo; delineada com uma conotação erótica, os bairros ganham carne e as ruas parecem ser veias pulsando de sofreguidão:

Eles têm o aconchego que a um corpo
dá estar noutro, interno ou aninhado,
para quem torce a avenida devassada
e enfia o embainhamento de um atalho,
para quem quer, quando fora de casa,
seus dentro e resguardados de quarto.
(Melo Neto 1997b:30)

Ao identificar a cidade com uma pessoa, João Cabral potencializa o valor sentimental existente entre o espaço e um homem; os bairros citadinos devem ser, antes de qualquer coisa, um lugar onde o indivíduo se sinta bem e com que mantenha uma relação prazerosa. Com efeito, o sujeito se sente tão à vontade quando passa pelas ruas da cidade, que mais parece estar dentro da própria casa. A imagem do quarto (usada para assinalar as ruas) é bastante significativa nesse contexto, pois é no referido cômodo que geralmente se desenvolve a vida íntima e conjugal das pessoas; dessa forma, as ruas devem fornecer abrigo e fazer com que os passantes caminhem sem ter medo de expor abertamente a sua intimidade.

De modo geral, a visão do poeta está constantemente voltada para a preservação dos espaços urbanos. Mesmo quando ele exalta a magnitude das cidades modernas, jamais perde de vista o valor cultural que emana das

antigas edificações; mais importante ainda, mesmo quando se refere aos grandes edifícios, o poeta não esquece que a matéria concreta está situada em meio a um universo humano. Em um poema de teor concretista como “O engenheiro”, por exemplo, percebe-se claramente que a massa de concreto erguida do chão divide espaço com a presença da natureza e do homem:

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro.)

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.
(Melo Neto 1997a:34)

O pronome pessoal “nós” indica a presença de um sujeito que convive intimamente com a concretude da cidade. Embora o edifício seja concebido como o órgão responsável pela circulação do ar (o pulmão), em momento algum o poeta esquece o papel desempenhado pelos elementos naturais para a manutenção da vida. Com efeito, o edifício nunca existiria por conta própria; é preciso que haja um ambiente natural para que ele possa ser encarado como uma forma que ocupa lugar no espaço. Isso significa que a moderna condição urbana ainda está intimamente vinculada a segmentos característicos de épocas precedentes, mesmo que essa relação se estabeleça apenas para impor um contraste à paisagem.

Embora o livro tenha sido dedicado a Drummond, são notórias as influências do conterrâneo e amigo Joaquim Cardoso, poeta e engenheiro de renome nacional. Cardoso também escreveu uma obra de orientação para a concretude e constantemente abordava temas referentes à sua profissão, como mostra o trecho do poema “Arquitetura nascente” transcrito abaixo:

Planos de sombra e sol. Colméias.
Hexágono. Prismas de cera.
Um ovo. Um fruto. Uma semente
Que em tempo límpido plantada,
Em chão noturno se perdera,
Agora cresce, enfim se eleva
Em pedra e em ferro organizada.
(Cardoso 1971:100)

Joaquim Cardoso também se refere a elementos naturais para descrever a edificação de um prédio. Ao utilizar o termo “semente” como metáfora para o projeto arquitetônico, o poeta aproxima a elevação do edifício ao crescimento de uma planta. É verdade que esse recurso tende também a valorizar o componente natural, mas a presença da natureza na poética de João Cabral de Melo Neto parece ser mais intensa e coerente – resultado da organização objetiva que o autor empresta ao seu texto.

Os trechos dos poemas analisados mostram que João Cabral via a preservação dos bairros antigos como uma forma de manter a cultura de uma cidade. Evidentemente, existe um sentimento humanizador por trás desse juízo, pois quando caminha pelos bairros antigos o sujeito pretende reviver os tempos de sua juventude – uma época em que as relações humanas ainda não estavam tão afetadas pelo sistema capitalista. O poema “Ao novo Recife” (que será analisado detalhadamente a seguir) apresenta uma configuração bastante singular em relação ao assunto aqui tratado, pois nele Cabral se mostra um pouco indignado com o modo como o progresso invadiu a sua cidade natal e destruiu as relações amistosas do passado:

Embora não me sinta o direito
de te dizer sim, não, dar conselho,

conto com que todo esse progresso
que derruba o onde fui (e ainda levo)

faça mais fácil o mão-a-mão
de mão a mão distribuir o pão,

e que tua gente volte ao “bom-dia”
de quando lá toda se sabia.

(Melo Neto 1997b:109)

De imediato vê-se que o poeta exprime o desejo de falar sobre a cidade em que nasceu, apesar das circunstâncias já não lhe permitirem dizer muita coisa; como o juízo pessoal do sujeito aparece em primeiro plano, não há dúvida em afirmar que esse poema possui uma atitude eminentemente subjetiva. Há uma espécie de melancolia disseminada pelos versos iniciais, como se o sujeito sentisse profundamente a falta do lugar originário onde viveu. Com efeito, o *eu-lírico* já não tem domínio sobre a vida arquitetônica de sua cidade, uma vez que os espaços mudam independente de sua vontade; por isso mesmo, a distância do passado corresponde a uma mágoa que o mutila paulatinamente, já que cada coisa deixada para trás significa uma parte de sua história lançada no esquecimento.

No momento da escritura, Recife apresenta características tão adversas àquelas que o sujeito gostaria de encontrar, que ele já não se considera parte efetiva da cidade. Em tempos remotos, o *eu-lírico* mantinha uma relação extremamente afetiva com sua terra, caso contrário não sentiria com tamanha intensidade o abismo que os separa; o contato com o espaço era realizado de maneira tão íntima que o sujeito conversava com a cidade como se ela fosse um ente querido. Essa satisfação sentida na lembrança deixa claro que o poeta valoriza um mundo que só existe em seu interior, nas imagens filtradas pelo seu coração.

O arquiteto italiano Leonardo Benevolo aponta como uma peculiaridade das cidades modernas exatamente essa falta de intimidade entre os homens e o espaço urbano; alguns indivíduos se sentem perdidos em meio às grandes instalações citadinas, pois não encontram parte significativa das histórias vividas em ruas do passado. Ainda segundo o arquiteto, o crescimento de inúmeras

cidades é orientado por uma ordem capitalista que não leva em consideração se o progresso demole a história cultural e emotiva de um povo:

[...] hoje em dia grande parte da população perdeu o direito originário de sentir-se em sua própria casa em qualquer parte da cidade. Esse direito é suplantado por uma combinação de interesses, que expulsa continuamente os habitantes dos bairros já consolidados e alimenta artificialmente a procura de novas construções fora e dentro da zona urbanizada, fomentando a renda absoluta (que deriva da expansão) e a renda diferencial (oriunda da transformação das áreas já construídas) (Benevolo 1991:73).

Depois das concessões feitas nos versos iniciais, o poeta abre a segunda estrofe com um vocábulo ligado à idéia de esperança (“conto”). Primeiramente, ele nota que o progresso é responsável pela devastação do seu mundo particular – prova de que o *eu-lírico* não se enquadra com muita comodidade dentro de um universo em expansão. Dessa forma, não se pode negar que o sujeito prefere habitar um ambiente mais sereno, onde tenha a possibilidade de conviver com suas próprias inquietações. De modo geral, o *eu-lírico* defende a idéia de que o enriquecimento do meio urbano recifense gerou uma espécie de pobreza espiritual em seus habitantes, pois as relações pessoais foram se tornando cada vez mais escassas e pragmáticas na região.

Isso se deve, em parte, à própria natureza simbólica das capitais, que, já na sua estrutura urbana, denunciam o poder que exercem sobre as demais cidades da região. As grandes capitais costumam se desvincular dos comportamentos interioranos; por outro lado, a volumosa massa de concreto e cimento erguida sobre o espaço produz mesmo uma impressão de grandeza e opulência. Nesse sentido, a cidade se transforma num espaço de exclusão, aberta mais facilmente para aqueles que comungam com o sistema social vigente – aspecto estudado por Ricardo Azevedo em seu trabalho sobre a natureza das metrópoles:

As capitais, as quais também é conferida a incumbência de representar a relevância do poder nelas sediado, recebem intervenções urbanísticas pontuais de modo a que esses lugares, materializando-os, reflitam e reverberem, pelo seu concerto de elementos representativos e simbólicos, os propalados lustre e dignidade das instituições que albergam (Azevedo 2006:2).

É curioso observar, no entanto, como os lugares por onde o sujeito passou permanecem vivos em seu íntimo, atestando que a experiência de vida implanta um valor sentimental forte nas pessoas; se o progresso pôde deixar em ruínas os lugares físicos da cidade, ele não teve a força necessária para destruir a lembrança guardada no coração dos habitantes que passaram por esses lugares. Dessa forma, o poeta não abandonou a concepção humanista do mundo mesmo quando abordava os temas mais concretos, pois ele sabia que era necessário falar de vivências humanas para que a poesia se tornasse uma mensagem verdadeiramente relevante.

Na terceira estrofe o poeta revela as matérias que fundamentam as suas esperanças; no fundo, ele deseja que o progresso da cidade do Recife gere mais empregos e possibilite aos seus habitantes uma qualidade de vida melhor do que fora em seu tempo. Portanto, o sujeito se mostra profundamente preocupado com o destino de seus companheiros, uma vez que lhes deseja mais fortuna do que ele próprio tivera. Levando-se em consideração que esse poema foi publicado no livro *A escola das facas*, 37 anos depois do lançamento de sua primeira obra – portanto, fruto de um escritor já bastante maduro –, é curioso como o poeta abandona a perspectiva de denúncia social explícita (predominante, sobretudo, em *O rio*, *O cão sem plumas* e *Morte e vida severina*) e se fixa na esperança como uma condição para a melhoria da vida. Com efeito, um homem que espera é um homem que deposita fé na vida e nos seus semelhantes; portanto, apesar da mudança de perspectiva, o poeta pernambucano continua escrevendo uma obra fortemente posicionada a favor do ser humano.

Nesse sentido, não é exagero afirmar que a poesia de João Cabral supera problemas tratados na obra de muitos autores brasileiros que o antecederam, como a do seu primo Manuel Bandeira, por exemplo. Cabral de Melo se volta para o passado com o intuito de planejar melhor o seu futuro, ao passo que Bandeira costuma se deter num pretérito que já não tem mais volta, como mostram os versos do poema “Profundamente”:

Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acessas?

Estavam todos dormindo.
Estavam todos deitados.
Dormindo
Profundamente.
(Bandeira 1966:121)

A nova cidade do Recife também pode ser encarada como uma espécie de metonímia, apontando para a conduta das pessoas que a habitam; de certa forma, ao sentir-se mal com o progresso urbano, o poeta deixa entrever a saudade que sente do tempo em que as relações sociais aconteciam de modo mais amistoso. Em outros termos, parte da mágoa que afeta o sujeito é decorrente do modo como as pessoas estão se comportando e não do espaço físico propriamente dito. Com efeito, não deve parecer tão estranha essa identificação da cidade com o indivíduo, já que os lugares são construídos para atender às exigências de um grupo social específico, segundo afirma Teixeira Coelho Netto em seu livro *A construção do sentido na arquitetura*:

[...] as possibilidades de uma produção arquitetural estão na dependência direta da ideologia global que orienta o grupo social em que essa prática se insere. Neste caso, a ideologia desse

grupo pode-se refletir na prática arquitetural determinando a manipulação dos espaços (Coelho Netto 1997:116).

A terceira estrofe do poema ainda comporta outros traços que ratificam o sentimento humanizador de João Cabral em relação aos demais habitantes da cidade. O termo “mão-a-mão”, por exemplo, mostra que o poeta vê o companheirismo como um sentimento muito importante para que seja mantida o equilíbrio de um espaço geográfico; com a maturidade, o poeta abandonou a solidão sôfrega do deserto e procurou se integrar às práticas sociais, pois sabia que o convívio com o homem lhe proporcionaria uma experiência mais verdadeira e duradoura. Mais adiante, aparece o vocábulo “pão” como símbolo da sobrevivência; o poeta espera que o progresso da cidade proporcione aos indivíduos pelo menos a sua alimentação básica. Há de se notar que um teor idealista corta esses versos, o que não significa, entretanto, que o poeta esteja cego em relação às práticas sóciopolíticas de seu meio; ele apenas investe na relação humana como uma forma de vencer os obstáculos impostos pela sociedade.

Para fechar o poema, João Cabral menciona o que ele espera dos homens que habitam uma cidade de desenvolvimento acelerado; evidentemente, por se encontrarem no remate do texto, essas informações ganham ênfase e adquirem especial relevo, funcionando como uma síntese dos sentimentos nutridos pelo sujeito. O primeiro aspecto a se observar diz respeito ao saudosismo com que o *eu-lírico* encara a cidade — anseio formalmente marcado pela carga semântica do verbo “voltar”; as suas metas para o futuro são orientadas por preceitos do passado, como se a sociedade das eras precedentes oferecesse uma estrutura mais sólida para o desenvolvimento urbano.

De certo modo, as aspirações do sujeito têm fundamento, pois a humanidade vem sofrendo danos irreparáveis desde que as cidades se tornaram grandes centros comerciais. Em seu livro *História da arte como história da cidade*, o historiador de arte italiano Giulio Carlo Argan aponta exatamente essa relação estreita entre a acessão do universo capitalista e o declínio de seu sistema social. Para Argan, a angústia existencial que afeta atualmente

a humanidade é decorrente do modo atroz como as sociedade capitalistas tratam o indivíduo:

A cidade, que, no passado, era o lugar fechado e seguro por antonomásia, o seio materno, torna-se o lugar da insegurança, da inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia, do desespero. Se a cidade não se tivesse tornado a megalópole industrial, se não tivesse tido o desenvolvimento que teve na época industrial, as filosofias da angústia existencial e da alienação teriam bem pouco sentido e não seriam — como no entanto são — a interpretação de uma condição objetiva da existência humana (Argan 1998:214).

Assim como João Cabral, Argan também acredita que o sistema social das antigas cidades era mais ordenado do que o sistema social dos modernos centros urbanos; a idéia de conceber o espaço geográfico do passado como um seio materno é suficiente para mostrar a intensidade da harmonia que existia entre o ambiente e seus habitantes. Evidentemente, é preciso mediar um pouco as observações feitas pelo historiador italiano, pois (embora esteja claro que as relações humanas foram terrivelmente afetadas pelo modelo de governo capitalista) não se pode negar que os costumes da modernidade também têm a sua relevância e devem ser abordados dentro de seu contexto específico.

Como o sujeito presente em “Ao novo Recife” se volta para um tempo que só existe na lembrança, não se pode negar que o modelo ideal de urbanização se elabora na interioridade do seu ser; dessa forma, apesar de ser ponderado e racionalista, o poeta não hesita em admitir que também é um homem orientado por aspirações interiores. Ainda é preciso advertir que o elemento tomado pelo poeta para designar um período promissor (a saudação “bom-dia”) tem um caráter bastante interiorano — todas as pessoas se cumprimentam na cidade porque os habitantes ainda não se renderam ao

ritmo acelerado imposto pelas relações pragmáticas da contemporaneidade. Além da proximidade, o cumprimento cortês também sugere que existe algum tipo de afeto entre as pessoas. Dessa forma, o sujeito deixa claro que prefere viver num mundo simples e agradável, onde as relações humanas ainda tenham um valor significativo para a vida das pessoas.

As tentativas feitas no sentido de querer resgatar uma ordem social soterrada levaram o crítico José Guilherme Merquior a identificar uma espécie de sentimento utópico na obra de João Cabral de Melo Neto, ainda que essa utopia fosse sempre desenvolvida de modo bastante consciente:

Toda a alta poesia cabralina – e não só as peças “sociais” – alude à dimensão da utopia como componente do ser humano e de sua relação com o ser. Mas a consciência da essencialidade do utópico nada tem a ver com a sua degradação em profetismo vulgar, em figuração arbitrária da felicidade no bojo de uma propaganda ideológica (Merquior 1972:177)

De acordo com a concepção do crítico, o elemento utópico na poesia de João Cabral de Melo Neto não corresponde a um estado de cegueira diante da realidade social, mas sim uma forma de manifestar o seu repúdio à sociedade opressora. Por isso mesmo, o tom esperançoso que emana de seus versos está ligado mais à negação do presente atroz do que ao planejamento de um futuro promissor. Embora se sinta que o poeta deseja ver uma posteridade mais harmônica, não se pode perder de vista que as suas considerações sobre o porvir são orientadas por alguns princípios do passado – fonte de suas experiências mais significativas.

Alfredo Bosi, em seu livro *O ser e o tempo da poesia*, também se refere a esse mergulho no passado como uma forma de resistência contra o caos imposto pelas relações pragmáticas das sociedades capitalistas. De certa forma, a lembrança dos tempos passados corresponde à restituição da ordem que o mundo parece ter perdido:

A saudade de tempos que parecem mais humanos nunca é reacionária. [...] Reacionária é a justificação do mal em qualquer tempo. Reacionário é o olhar cúmplice da opressão. Mas o que move os sentimentos e aquece o gesto ritual é, sempre, um valor: a comunhão com a natureza, com os homens, com Deus, a unidade vivente de pessoa e mundo, o estar com a totalidade (Bosi 2004:178).

Ainda é interessante observar a questão do valor humano presente nessas reminiscências, pois ela confirma que a poesia de João Cabral tem a humanidade como uma de suas matérias-primas fundamentais. De fato, o poeta resgata o passado com o intuito de estabelecer uma relação saudável com o mundo e com os homens que o habitam; por isso mesmo, as voltas constantes ao pretérito não significam mais do que uma procura imutável pela condição humana mais pura.

É preciso admitir, no entanto, que João Cabral também vê o progresso como um elemento importante para a configuração das cidades. Apesar de parecer um pouco insatisfeito com alguns resultados desastrosos que a modernidade trouxe para o Recife, o poeta não se opõe abertamente ao desenvolvimento, desde que as relações humanas permaneçam intactas. Cabral lamenta não poder mais resgatar as suas experiências vividas, mas isso não significa que ele esteja fechado a um novo modo de vida. Tomando as imagens do saudosismo e do progresso como metáforas para a criação poética, pode-se dizer que a obra do autor é justamente a fusão e o equilíbrio entre tradição e modernidade.

Apesar de o poeta pernambucano ter o coração preso ao passado, os seus olhos estão direcionados para o futuro. João Cabral quer novamente sentir prazer em caminhar pelas ruas – uma espécie de prazer alcançado graças à integração do homem com o meio urbano. Com tamanha intimidade, o poeta passa a sentir a cidade como uma verdadeira criatura humana, razão pela qual a personificação está tão presente em poemas com essa temática. Para João Cabral, o espaço urbano não é mero ornamento, mas um componente com

o qual os passantes precisam dialogar. É por esse motivo que se percebe a vida pulsando ardentemente mesmo nos objetos mais concretos que o poeta se ocupou em descrever.

Referência bibliográfica

ARGAN, Giulio Carlo. 1998. *História da arte como história da cidade*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

AZEVEDO, Ricardo Marque de. *Metrópole: abstração*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BANDEIRA, Manuel. 1966. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio.

BENEVOLO, Leonardo. 1991. *A cidade e o arquiteto*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

BOSI, Alfredo. 2004. *O ser e o tempo da poesia*. 7ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras.

CARDOSO, Joaquim. 1971. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COELHO NETTO, J. Teixeira. 1997. *A construção do sentido na arquitetura*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva.

MELO NETO, João Cabral de 1997a. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

_____. 1997b. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MERQUIOR, José Guilherme. 1972. Nuvem civil sonhada. In. —. *A astúcia da mimese: ensaios sobre crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio.

MUMFOR, Lewis. 2004. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes.